



## LUTO: A EXPERIÊNCIA DE DESINVESTIMENTO LIBIDINAL EM UM CORPO ADOECIDO

Eixo Horizontal: EH9: SUÍCÍDIO, MORTE E LUTO

Eixo Vertical: EV3: FORMAÇÃO E ÉTICA

Matheus Luiz Cordeiro de Andrade; Nátila Borges da Silva; Daniela Rodrigues Goulart Gomes;

O presente trabalho diz respeito à experiência de estudantes do curso de psicologia ao escutar de forma flutuante uma mãe que acompanhava a internação da filha no Hospital Geral de Vitória da Conquista (HGVC). A paciente, doze anos, foi diagnosticada com meningite evoluindo para uma neurotuberculose. Devido a essa enfermidade, desenvolveu um quadro de paralisia motora generalizada, impossibilitando-a de caminhar, falar, interagir, e de se alimentar. Com isso, essa mãe, se defrontou com o fato de ter que enlutar o corpo saudável da filha e adotar um corpo adoecido, paralisado e em estado vegetativo como um novo objeto de amor. Considerando a concepção psicanalítica de luto pode-se compreender que é um processo natural, demorado e doloroso. O ser humano passa por inúmeros lutos em seu desenvolvimento, como na morte de um ente querido, no fim de um relacionamento, em casos de mudanças corporais ou no desenvolvimento de um filho. Em todos esses casos há a necessidade de que a energia psíquica do sujeito seja retirada de suas ligações com aquele objeto e seja posteriormente investido em outro. Esse trabalho objetiva correlacionar a experiência de luto da mãe com o arcabouço teórico de Freud acerca do tema, buscando refletir acerca de uma fala do discurso da genitora que afirmou só levar a filha para casa quando ela voltar a ser como antes. O acompanhamento dessa família foi realizado semanalmente no período de um mês por estudantes de psicologia participantes de um projeto de extensão. As atividades realizadas por esse projeto compreenderam oficinas de contação de história, escuta sob a ótica da psicanálise, estudos teóricos e supervisão. Essa família foi inicialmente acompanhada na pediatria, porém com o agravamento do caso, essa escuta teve que ser feita na sala de isolamento do HGVC. O acompanhamento com a mãe possibilitou acompanhar as narrativas sobre a doença e a esperança de “melhora”. Sendo “melhora” compreendido pela mãe como a possibilidade de restabelecimento do estado de saúde anterior da filha. E além disso, proporcionou que ela conseguisse se retificar subjetivamente perante a falta diante da “morte” da criança ativa e saudável e conseqüentemente adotar outra postura diante desse sofrimento. Assim, foi possível que a mãe diminuisse a angústia e levasse a filha para casa.